AÇAFA On-line
Nº 4 (2011)

PINTURAS RUPESTRES PRÉ-HISTÓRICAS NA SERRA DAS TALHADAS. PRIMEIRA NOTÍCIA

Prehistoric rock paintings on Serra das Talhadas (Proença-a-Nova). First news

Francisco Henriques, Mário Chambino,
João Carlos Caninas, André Pereira e Emanuel Carvalho

Vila Velha de Ródão, 2011

PINTURAS RUPESTRES PRÉ-HISTÓRICAS NA SERRA DAS TALHADAS (PROENÇA-A-NOVA). PRIMEIRA NOTÍCIA[1]

Prehistoric rock paintings on Serra das Talhadas (Proença-a-Nova). First news

Francisco Henriques, Mário Chambino, João Carlos Caninas, André Pereira e Emanuel Carvalho[2]

Palavras-chave: pintura rupestre esquemática; Pré-História Recente; abrigos; quartzitos; Serra das Talhadas.

Keywords: schematic rock art; Recent Prehistory; shelters; quartzites; Serra das Talhadas.

Resumo

Caracterizam-se os dois primeiros abrigos, com pinturas pré-históricas, de tipo esquemático, identificados na Serra das Talhadas. Os motivos circunscrevem-se a pontos, barras e a um possível ursídeo. A escassez de grafismos pintados neste relevo quartzítico poderá explicar-se pelo efeito de substituição exercido pelo vasto complexo de gravuras pré-históricas do Tejo, que se distribui por ambas as margens deste rio, a montante e a jusante da serra das Talhadas.

Abstract

We characterize the first two shelters identified on Serra das Talhadas with prehistoric schematic paintings. The figures identified are limited to the points, bars and a possible representation of a bear. The lack of graphics painted on quartzitic reliefs can be explained by the substitution effect exerted by the vast complex of prehistoric pictures of the Tagus, which focus on both banks of the river upstream and downstream of the mountain Talhadas.

[1] Capa: vista do abrigo do Almourão.
[2] Membro e colaboradores da Associação de Estudos do Alto Tejo.

Introdução

Este texto corresponde à primeira apresentação pública de dois abrigos com pinturas pré-históricas, identificados na Serra das Talhadas, nos sítios de Chão de Galego e de Almourão, ambos situados no concelho de Proença-a-Nova. Na região do médio Tejo, a serra das Talhadas era, porventura, a última grande crista quartzítica onde faltavam identificar pinturas rupestres com esta antiguidade. Como referido no título, este texto é uma primeira notícia sobre tal achado; em tempo posterior voltaremos a abordar este tema e este espaço com maior detalhe e em maior extensão.

A identificação de abrigos com pinturas rupestres na região de Castelo Branco tem sido um dos objectivos prosseguidos pela Associação de Estudos do Alto Tejo, há já algumas décadas. E, nesse âmbito, a crista quartzítica da serra das Talhadas tem sido um alvo recorrente da investigação arqueológica.

Já Francisco Tavares de Proença Júnior, nos primórdios do século passado, por ali andou a identificar alguns fortes dos séculos XVIII e XIX e na sua documentação inédita, datada de 20 de Julho de 1903, num tópico relativo a *minas*, existe a referência ao: "*lugar da Capela, junto à Catraia Cimeira (uma caverna, perguntando se seria natural ou artificial)*" (Antunes, 2008: 153). Explorámos esta pista. Estivemos em Catraia Cimeira e ninguém conhecia o sítio da Capela. A actual capela foi construída depois da data do registo de 1903 e também ninguém conhecia uma caverna nem um sítio com o nome *Capela,* como mencionada por Tavares Proença. Estaria aquele investigador a referir-se ao sítio da Buraca da Moura de Chão de Galego que fica a curta distância de Catraia? Refira-se, por semelhança, a informação a uma cavidade denominada *Igreja dos Mouros*, na Serra do Moradal, uma outra crista quartzítica situada a Norte das Talhadas.

1. A Serra das Talhadas

A Serra das Talhadas fica no centro interior de Portugal e têm a orientação, NNW-SSE. Geologicamente é constituída por uma imponente crista de quartzitos do Ordovícico Inferior, que emergem da plataforma de metagrauvaques e xistos que constitui o Grupo das Beiras (Carvalho *et al.*, 2006), do Neoproterozóico. Além dos quartzitos, que podem encontrar-se dobrados em sinclinal, ocorrem no seu interior

xistos argilosos e, nas encostas, espessos depósitos de vertente. O contacto com o Grupo das Beiras faz-se por falhas.

Tem 27km de comprimento e a largura varia entre os 875m e 2500m. Emerge a Norte no relevo de Venda (Proença-a-Nova) e termina em São Miguel (Nisa). As cotas da linha de cumeada variam entre 500m e 614m, oscilando entre 300m e 400m na plataforma envolvente. Os pontos mais elevados ocorrem nos vértices geodésicos de Chão de Galego (614m) e do Penedo Gordo (570m).

Ao longo do seu percurso atravessa três administrações municipais (Proença-a-Nova, Vila Velha de Ródão e Nisa) e tem várias designações: Serra do Chão de Galego (**Figura 1**), em Proença-a-Nova; Serra do Perdigão, Serra do Penedo Gordo e Serra da Vila, em Vila Velha de Ródão; Serra do Paúl, Serra da Corga e Serra de São Miguel, em Nisa. Para a designar adoptamos a forma mais ampla de serra das Talhadas.

Esta crista funciona como reserva aquífera natural, factor que poderá justificar o assentamento de várias dezenas de aglomerados populacionais nas suas encostas, tanto do lado nascente como do lado poente.

Figura 1. Vista da serra das Talhadas, na área do abrigo do Chão de Galego (Proença-a-Nova).

É atravessada perpendicularmente por falhas, onde se encaixaram os rios Tejo e Ocreza, formando dois geomonumentos notáveis, as Portas de Ródão e as Portas do Almourão, respectivamente.

A AEAT tem procurado pinturas rupestres, ao longo desta crista quartzítica, desde há várias décadas. Segundo o depoimento de Francisco Henriques (Henriques, 2011), em texto incluído nesta edição de *AÇAFA on line*, o interesse por esta temática existe desde 1972, com as primeiras pesquisas do Grupo para o Estudo do Paleolítico Português devido, fundamentalmente, à proximidade daquela serra em relação ao complexo de Arte do Tejo. Refira-se que a intersecção geológica entre o

rio Tejo e a Serra das Talhadas, as Portas de Ródão, tem sido considerada um *axis mundi* daquele complexo gráfico pré-histórico (Gomes, 2010, entre outros textos).

Investiram-se recursos apreciáveis para atingir este objectivo, incluindo o empreendimento de campanhas de prospecção específicas. Mantínhamos a convicção da existência de pinturas antigas nesta serra, tendo em consideração a sua presença em relevos de idêntica natureza na região envolvente, com destaque para os conjuntos mais expressivos da Serra de São Mamede (Arronches) e da Sierra de San Pedro (Santiago de Alcântara) e do conjunto mais modesto, e mais próximo, da serra da Zimbreira (Mação). Era uma questão de persistência.

Entretanto, fazer prospecção ao longo de uma crista quartzítica, como esta, não é tarefa fácil. O coberto vegetal muito denso, a irregularidade do terreno, a saturação e cansaço dos participantes (principalmente após vários dias de prospecção), a desmotivação (porque ao fim de tantas tentativas e tanto esforço, não se obtém resultados positivos), a dificuldade em chegar aos sítios (agora um pouco mais facilitados devido à abertura de caminhos florestais), e a limitação dos recursos para atingir, adequadamente, os 27km de serra, eram e são factores limitativos. Mas esta extensão tem que ser duplicada, considerando o lado nascente e o lado poente da crista e mais do que isso naqueles trechos onde o sinclinal se desdobra em duas cristas paralelas.

O método de prospecção mudou ao longo do tempo. Nas décadas de 80 e 90 seleccionávamos um troço da serra que se percorria sistematicamente, o que se traduzia num enorme esforço dedicado a uma área restrita.

Posteriormente passámos a ser mais selectivos e optámos por visitar locais de referência popular, como as Buracas da Moura (Gavião, Vale do Cobrão, Rabacinas e Chão de Galego), massas rochosas com abrigos (lapa Cimeira, lapa Fundeira, lapa do Homem[3] e abrigos da foz do Cobrão), penhascos com designações específicas (penha Amarela, na Foz do Cobrão, e Galiana, em Nisa) e sítios de passagem e atravessamento da crista (Portela da Milhariça, em Alvaiade, Portas de Ródão, no rio Tejo, e Portas do Almourão, no rio Ocreza).

[3] Lapa que existiu junto de um caminho antigo que ligava Perdigão a Alvaiade. Local nunca observado devido à sua destruição por uma pedreira no local. Segundo informações aqui podiam-se abrigar da chuva sete ou oito pessoas, "à vontade".

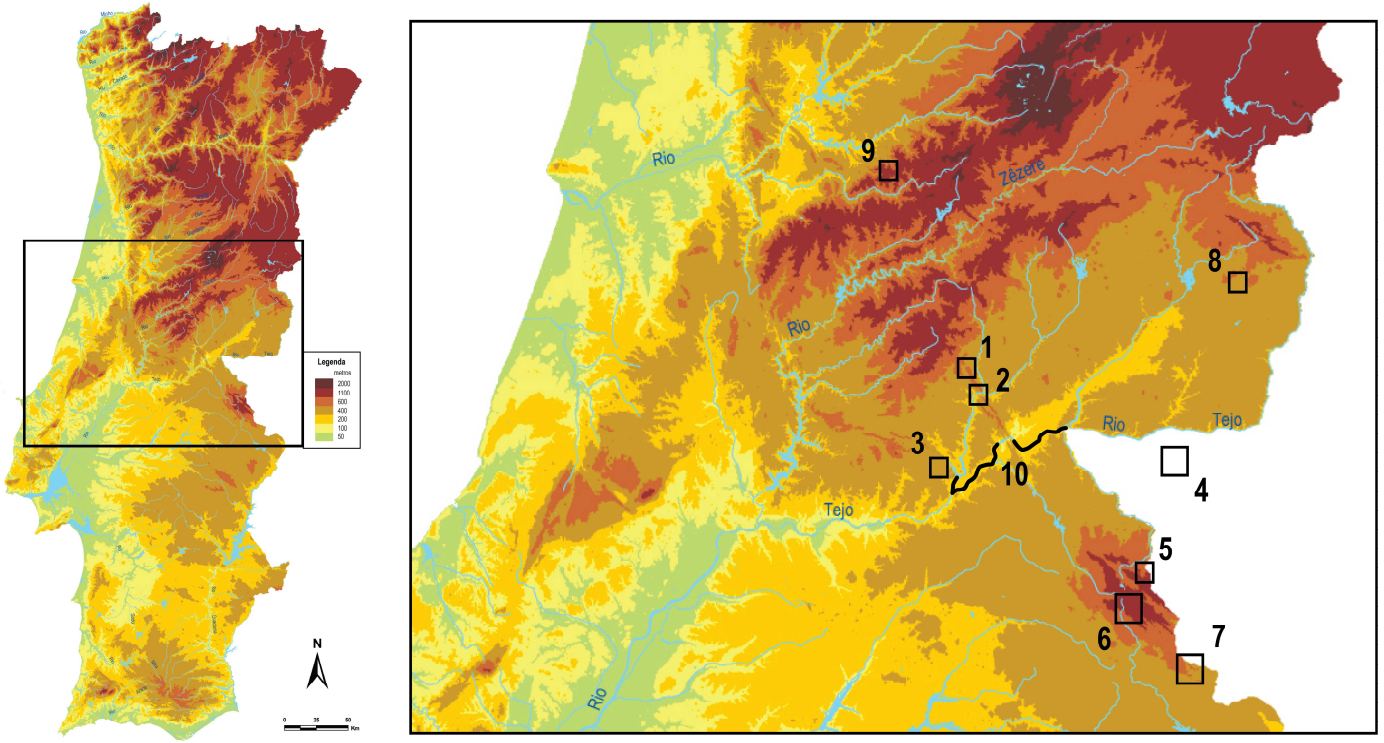

Figura 2. Localização dos sítios mencionados no texto em mapa hipsométrico de Portugal (adaptação de mapas temáticos disponíveis em www.guiadeportugal.pt). Chão de Galego (1), Almourão (2), Pego da Rainha (3), El Buraco e La Grajera, na Sierra de San Pedro (4), Ninho do Bufo (5), Serra da Penha e Senhora da Lapa (6), diversos abrigos em Arronches (7), Lapa da Moura (8), Pena (9) e arte rupestre do Tejo – trechos principais (10).

A pesquisa tem incidido, fundamentalmente, nos afloramentos rochosos situados acima do topo dos depósitos de vertente, locais onde se considera ser maior a probabilidade de existirem pinturas. A parte superior das massas rochosas, de acesso mais difícil, não tem sido prospectada por razões de segurança.

2. Outros abrigos com pinturas rupestres na região

Estão identificados em redor da serra das Talhadas (**Figura 2**), até cerca de 100km de distância, vários abrigos com arte esquemática pintada, atribuíveis à Pré-História Recente, alguns dos quais conhecidos há várias décadas. As características desses espaços são comuns a todos os casos indicados. Estão implantados em cristas quartzíticas, com excepção da Lapa da Moura que está em contexto granítico, são quase sempre de pequenas dimensões e as temáticas gráficas são comuns e de reduzida variabilidade.

É apropriado *passar em revista*, de modo abreviado, os vários sítios conhecidos, na envolvente da Serra das Talhadas, com arte esquemática: Pego da Rainha (Mação); Sierra de San Pedro (municípios de Santiago de Alcântara e Valência de Alcântara, em Espanha); diversos sítios na Serra de São Mamede, como o Ninho do Bufo (Marvão), abrigos de Arronches, Serra da Penha e Senhora da Lapa (Portalegre); Lapa da Moura (Idanha-a-Nova).

Nesta região são conhecidas pinturas mais antigas, na Sierra de San Pedro (Bueno Ramírez *et al*, 2010) e na Pena, em Góis (Ribeiro *et al*, 2010)[4], que, por esse motivo, não se incluem no quadro de referência dos grafismos da Serra das Talhadas.

2.1. Pego da Rainha (Mação)

O Pego da Rainha está implantado numa crista quartzítica, praticamente paralela à Serra das Talhadas, a oeste desta. Situa-se no concelho de Mação (freguesia de Envendos). Até ao momento, de acordo com a

[4] Na Pena (concelho de Góis), num pequeno abrigo em substrato quartzítico, em lugar dominante sobre um rio e uma passagem natural, foram identificadas várias pinturas, atribuídas ao Paleolítico Superior, entre as quais destacamos a identificação, segundo os autores, de uma figura zoomórfica, provavelmente um urso em posição de ataque.

bibliografia a que tivemos acesso, é o local mais próximo das Talhadas, onde foram identificadas pinturas com arte esquemática em abrigos.

Este núcleo é constituído por dois abrigos, abertos a cerca de 50º N, no maciço quartzítico. Têm pequena dimensão; um deles tem 75cm de altura por 105cm de largura e o outro 200cm de largura por 227cm de altura. O primeiro abrigo contém um único painel no qual onde foram contabilizadas 63 motivos. O segundo abrigo tem nove painéis que abrangem várias dezenas de grafismos.

Os motivos são geométricos (pontos, barras, manchas e traços), a cor varia entre o vermelho escuro e o vermelho alaranjado e estão datadas do Calcolítico. São as únicas pinturas conhecidos no Alto Ribatejo.

2.2. Sierra de San Pedro (Santiago de Alcántara e Valencia de Alcántara)

Algumas dezenas de quilómetros para sudeste do trecho da Serra das Talhadas, onde documentámos as pinturas que são objecto desta notícia (Proença-a-Nova), já em território espanhol, para lá margem esquerda do rio Tejo, existe uma outra crista quartzítica, denominada Sierra de San Pedro, abrangida pelos municípios de Santiago de Alcantara e Valência de Alcântara.

Nesta área estão identificados 17 locais com pinturas, paleolíticas e pós-paleolíticas (Bueno Ramirez *et al.,* 2010). Daremos atenção apenas a dois abrigos com pinturas pós-paleolíticas. O primeiro, El Buraco, foi identificado nos anos 80 e um pouco a sul deste lugar foi identificado um segundo abrigo, La Grajera, em 2003.

Nos últimos anos, estes dois abrigos têm sido estudados (Bueno *et al.,* 2006) e restauradas (Carrera *et al.,* 2007) da degradação natural e do vandalismo humano, no âmbito de projectos liderados por Primitiva Bueno e Rodrigo de Balbín, professores de Arqueologia da Universidade de Alcalá de Henares.

El Buraco está implantado na parte superior da Sierra de San Pedro, voltado a poente e com um extraordinário domínio sobre a paisagem. Tem cerca de 18m de profundidade mas é relativamente estreito. As pinturas localizam-se preferencialmente junto da entrada em 29 painéis.

O abrigo de La Grajera está topograficamente em cota inferior a El Buraco. É muito menos profundo, mas muito mais largo e as pinturas estão distribuídas de modo mais homogéneo. Junto deste abrigo existe, numa linha de água, um "poço" com água permanente.

Ambos os abrigos foram profusamente pintados com motivos a vermelho, em estilo esquemático e realizadas em momentos diferentes. Os antropomorfos, as barras e os pontos são os motivos mais comuns em ambos os abrigos. Em El Buraco também foram documentados motivos solares e uma estela com olhos raiados.

As pinturas da Sierra de San Pedro são atribuídas (Bueno *et al.,* 2006: 95) a um período que abrange o final do IV milénio a.C. e o III milénio a. C., em correlação com o megalitismo funerário e os grafismos gravados nos suportes metagrauváquicos.

2.3. Lapa da Moura (Monsanto)

Na primeira metade dos anos 60, D. Fernando de Almeida e O. da Veiga Ferreira prospectaram um abrigo denominado Lapa da Moura, junto a Colmeais (Monsanto). Tratava-se de uma concavidade, em área granítica, com 5m de comprimento, 80cm de largura e 3m de altura. Continha gravuras de um lado e do outro de uma estreita fenda. Aqueles investigadores referem "*do lado direito quando se entra, 7 insculturas e do lado esquerdo, no meio de um aglomerado de traços um pouco confusos, individualizar mais três insculturas. No tecto da lapa existe uma dupla fita pintada a negro sobre branco*" (Almeida & Ferreira, 1966: 426).

Noutra parte do texto de divulgação destes achados são referidos dois ondulados pintados a castanho sobre um fundo previamente pintado de branco. Após estabelecerem vários paralelos para estes grafismos, os autores não avançam com uma cronologia para as pinturas.

2.4. Serra de São Mamede

Ninho do Bufo (Marvão). Neste sítio as pinturas rupestres ocorrem em cavidade situada na vertente poente da Penha da Esparoeira, sobre uma portela e em local de vasto controlo visual da paisagem.

Os motivos documentados são pontos, barras, antropomorfos e outras representações esquemáticas pintadas em várias tonalidades de vermelho e, ainda, a branco. Cronologicamente podem ser enquadradas no Neolítico e Calcolítico (IV-III milénio a.C.).

Arronches. Na face sul da Serra de São Mamede, em trecho abrangido pela freguesia da Esperança, no concelho de Arronches, merecem destaque quatro abrigos, em substrato quartzítico, três dos quais formando um grupo, por proximidade (abrigo dos Gaviões, lapa dos Louções e Igreja dos Mouros) e um quarto isolado e afastado dos restantes (abrigo Pinho Monteiro) para noroeste (Gomes, 1985). Todos eles detêm um vasto domínio visual sobre o território envolvente.

Nos abrigos atrás referidos, constata-se a aplicação de grafismos pintados nas superfícies mais regulares, tanto nas paredes como nos tectos. As cores base são o vermelho, o amarelo e o preto, assumindo várias tonalidades. Predominam as figuras esquemáticas, com motivos antropomórficos, de grande variabilidade formal, zoomorfos, pontos digitados, oculiformes, uma máscara, cruciformes, serpentiformes e uma possível mão de quatro dedos (Oliveira e Borges, 1998:197).

Segundo Jorge Oliveira e Sofia Borges (1998:198), "*sem negar a existência de várias fases na execução nos diferentes conjuntos pictóricos, bem atestados sobretudo pelas várias sobreposições, denota-se uma coerência técnica e mesmo temática que inviabiliza grandes afastamentos cronológicos. O maior ou menor realismo dos motivos, a técnica de execução, as variantes cromáticas, mas sobretudo a temática abordada nos discursos pictóricos existentes nestes abrigos, aproximam-se do ambiente simbólico das comunidades onde o megalitismo se enraíza*". Estes autores datam as pinturas em meados do III milénio a.C.

Mais recentemente, têm vindo a ser revelados novos conjuntos de pinturas pré-históricas na Serra de Mamede, no âmbito de projectos liderados por Jorge de Oliveira, professor de Arqueologia da Universidade de Évora, estando identificados em 12 sítios, no concelho de Arronches (Oliveira & Oliveira, no prelo).

Serra da Penha e Senhora da Lapa. No âmbito deste Projecto foram identificados dois outros abrigos no concelho de Portalegre, na Serra da Penha e na Senhora da Lapa (Oliveira & Oliveira, no prelo)

2.5. Arte Rupestre do Tejo

Como contexto, incontornável, embora caracterizado exclusivamente por grafismos gravados, refiram-se os milhares de motivos, pré-históricos, inscritos nas margens rochosas do rio Tejo, no troço compreendido entre a foz do rio Sever e a Foz do rio Ocreza.

As pinturas documentadas nos abrigos das cristas quartzíticas são contemporâneas da grande maioria das gravuras do Tejo e partilham as mesmas tipologias gráficas.

3. Serra das Talhadas: abrigos com grafismos pintados

As múltiplas tentativas para identificar pinturas pré-históricas na Serra das Talhadas resultaram no reconhecimento, até ao presente, de dois pequenos abrigos, ambos situados no trecho intermédio abrangido pela freguesia de Montes da Senhora, no concelho de Proença-a-Nova.

Convencionou-se denominar estes sítios como Chão de Galego e Almourão.

Figura 3. Abrigo do Chão de Galego com pinturas rupestres.

3.1. Chão de Galego

Este abrigo (**Figuras 3 e 4**) está situado a meia encosta, na fachada oeste da Serra das Talhadas, inserido na base de enorme massa rochosa sobranceira à povoação de Chão de Galego (**Figura 1**). Do local têm-se um vasto domínio sobre a paisagem, para poente.

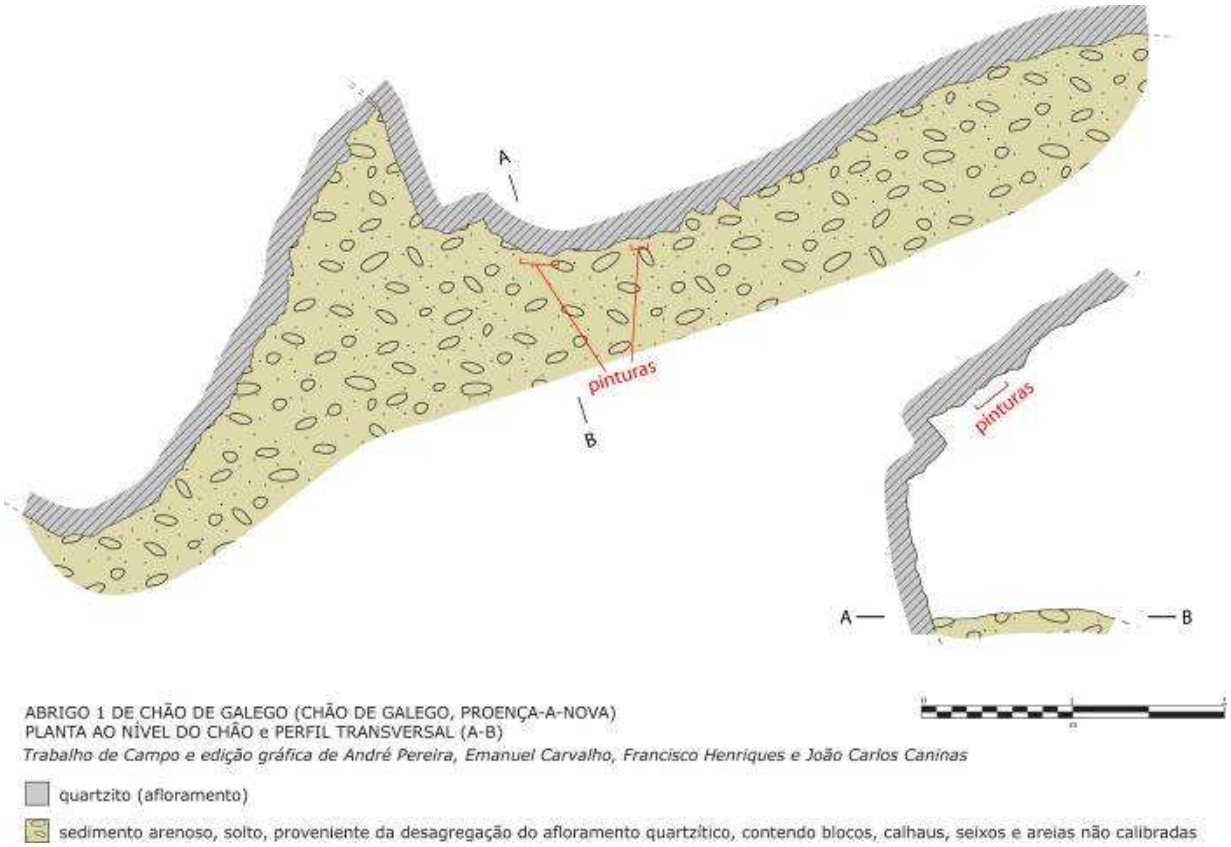

Figura 4. Planta e corte do abrigo do Chão de Galego (Proença-a-Nova) com indicação da posição das pinturas.

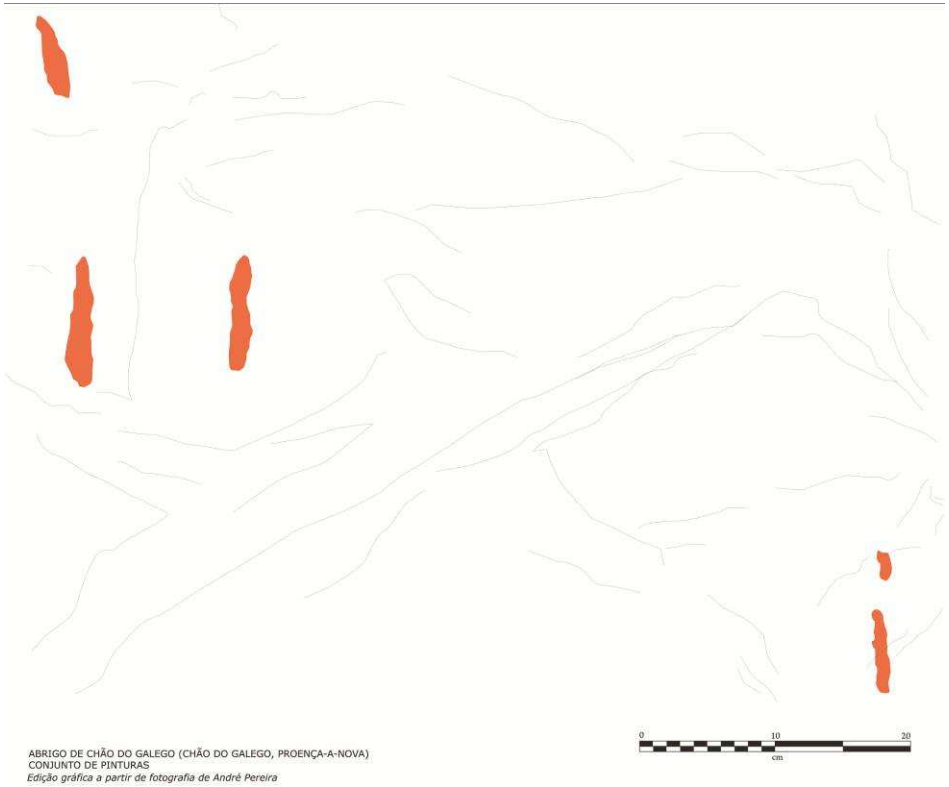

Figura 5. Restituição a partir de fotografia das pinturas identificadas no abrigo de Chão do Galego.

O lugar é conhecido por Buraca da Moura, nome de uma cavidade que pode ter resultado da extracção de óxidos de ferro, em época indeterminada (Henriques, Caninas & Cardoso, 1999), e tem lendas associadas. O sítio está integrado num percurso pedestre e referenciado para a prática de escalada.

Em cota superior existem duas muralhas, com cerca de 400m de extensão, que, juntamente com as escarpas rochosas, definem um amplo recinto muralhado, de forma poligonal (Henriques, Caninas & Cardoso, 1999).

O abrigo com pinturas pré-históricas (**Figura 5**) localiza-se na vizinhança dos dois sítios atrás mencionados, a 485m de altitude. É uma pequena reentrância (**Figura 4**), com uma profundidade a variar entre 1m e 1,2m, na zona de contacto entre o afloramento e o solo. A altura é variável, diminuindo do exterior para o interior, atingindo cerca de 1m junto à rocha. Está voltado a sul, e contém sedimentos com potencial interesse arqueológico.

O interior deste pequeno abrigo é muito irregular, devido às múltiplas fracturas do quartzito. As cores predominantes na superfície da rocha são o castanho e o preto, com várias tonalidades. As pinturas distribuem-se por duas diferentes posições, ou conjuntos, num mesmo painel, cerca de 1,5m acima do solo. Ocupam a melhor superfície da rocha, em termos de regularidade, de ausência de tingimento, por *filmes negros*, ou escorrência de água.

Um conjunto de grafismos, em posição mais elevada (**Figura 6**), ocupa uma superfície lisa, de cor castanha clara e esbranquiçada, que se apresenta anegrada no lado oeste da pintura.

Observam-se três barras verticais, de cor vermelha, sendo muito ténue o contraste cromático com o suporte. Duas barras estão lado a lado e a terceira posiciona-se escassos centímetros acima das primeiras e quase em continuidade com uma daqueles.

Noutro ponto (**Figura 7**), cerca de 20cm abaixo e 20cm à direita (no referencial do observador) do conjunto descrito anteriormente, observa-se uma barra vertical e acima desta, no mesmo alinhamento, um pequeno segmento, sendo ambos de cor vermelha. A superfície do suporte está limpa de impurezas.

Figura 6. Conjunto 1, com três barras, no abrigo do Chão do Galego.

Figura 7. Conjunto 2, com de duas barras, no abrigo de Chão do Galego.

3.2. Almourão

O abrigo do Almourão está situado, de igual modo, na Serra das Talhadas, a 378m de altitude, perto da aldeia de Sobral Fernando (Proença-a-Nova), na margem direita do rio Ocreza e no interior do "canhão" aberto pelo rio para transpor a serra.

O abrigo integra uma enorme massa rochosa, em quartzito, entre um estradão que percorre a meia encosta e o rio Ocreza. Do abrigo têm-se uma vista privilegiada sobre o mítico *poço* e as Portas do Almourão (**Figura 8**). O *poço*, ou *pego*, do Almourão e as *portas* continuam a ser um importante lugar de referência simbólica para as comunidades locais, consubstanciado em lendas e ocupando o centro de um território para onde confluem várias "buracas da moura" (Chão de Galego, Rabacinas, Vale do Cobrão e Marmelal)[5].

Figura 8. Portas do Almourão.

Na área envolvente do abrigo visitámos, há mais de 20 anos, dois abrigos naturais, a Lapa Cimeira e a Lapa Fundeira. A algumas centenas de metros deste lugar, no rio Ocreza, tanto para montante como para jusante das Portas do Almourão, também se identificaram áreas mineiras auríferas (conheiras). Finalmente, no topo da crista quartzítica, para norte do sítio do Almourão, perto de Rabacinas, existe

[5] Uma das lendas mais significativas deste lugar regista que no fundo do pego do Almourão continua um carro e respectivos bois, em oiro. No passado, dois aldeões, tentando resgatá-los das profundezas do poço e invocando protecção divina, conseguiram conduzir este tesouro até ao cimo da íngreme encosta. Depois, felizes, já planeavam o futuro: "Quer Deus queira / quer Deus não queira / O carrinho de oiro / Há-de ir à feira". E, disto isto, saltaram e rebolaram, o carro e os bois, pela encosta abaixo mergulhando para sempre nas funduras do dito poço.

uma Buraca da Moura e um afloramento denominado Escorregadoiro da Moura, de uma eventual prática propiciatória de fecundidade feminina.

O abrigo do Almourão (**Figuras 9 e 10**) é uma reentrância no maciço quartzítico, cujo contorno, em planta, estreita para o interior. O chão prolonga-se numa plataforma rochosa, formando uma varanda sobre o rio Ocreza, com uma vista extraordinária sobre o vale.

A cavidade está voltada a leste e tem as seguintes dimensões: 7,5m de largura; 4m de profundidade; 2,5m de altura. O solo é essencialmente constituído por cascalho de quartzito e parece ter fraco potencial arqueológico. As paredes do abrigo estão quase totalmente cobertas por *filmes negros* (capas bacterianas formadas em ambientes siliciosos húmidos).

Na extremidade norte do abrigo identificaram-se quatro conjuntos de grafismos distribuídos por dois painéis (**Figuras 11 e 12**).

No painel 1, situado mais a sul, o primeiro conjunto gráfico (parte superior da **Figura 11** e **Figura 13**) está localizado no tecto do abrigo, em lugar discreto. Os motivos estão pintados a vermelho. A superfície rochosa encontra-se quase totalmente escurecida com uma capa bacteriana de cor negra (*filme negro*).

Num pequeno espaço, onde o negro se desvanece, observa-se uma barra em posição oblíqua rodeada de dez pequenas manchas subcirculares (dedadas). Sob estes motivos observam-se duas sequências, paralelas, com cinco pontos.

Figura 9. Abrigo do Almourão. A escala indica a área das pinturas.

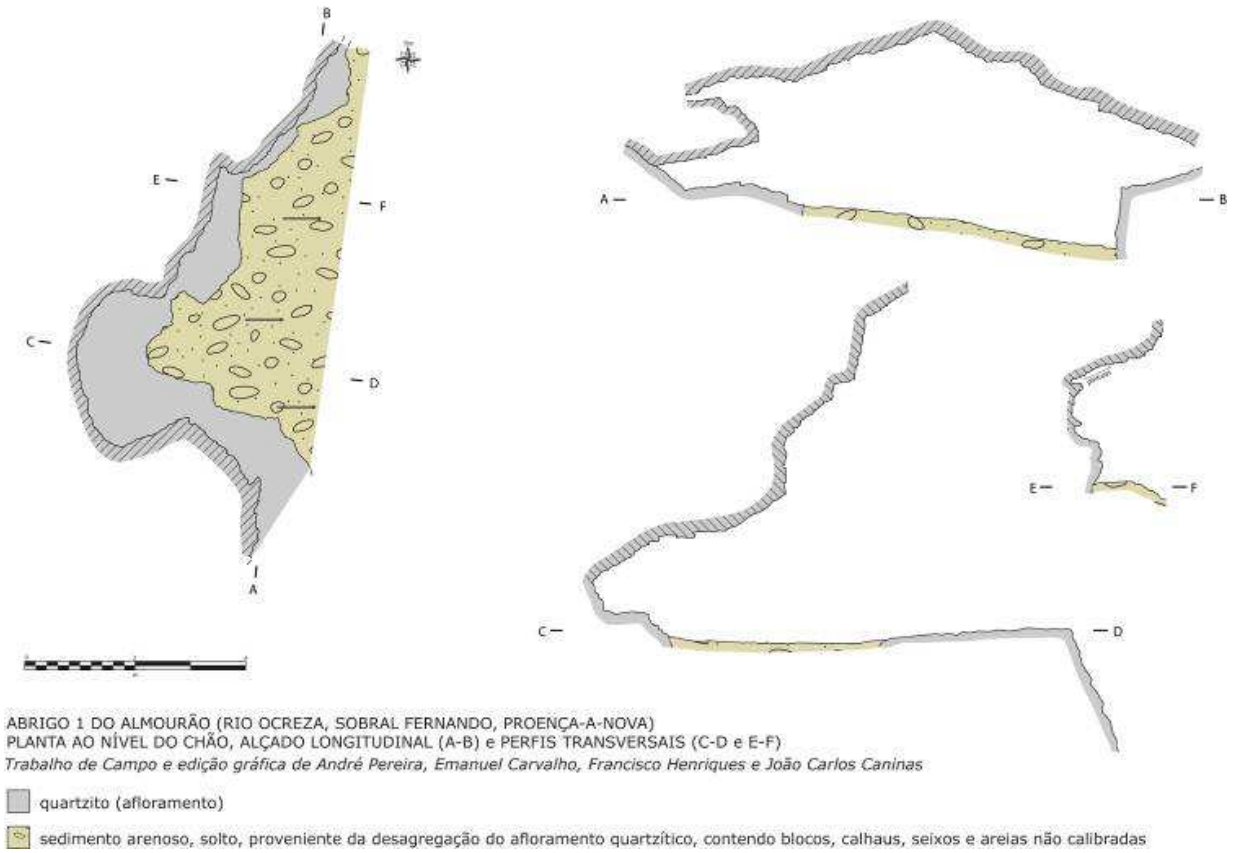

Figura 10. Planta e corte do abrigo do Almourão (Proença-a-Nova).

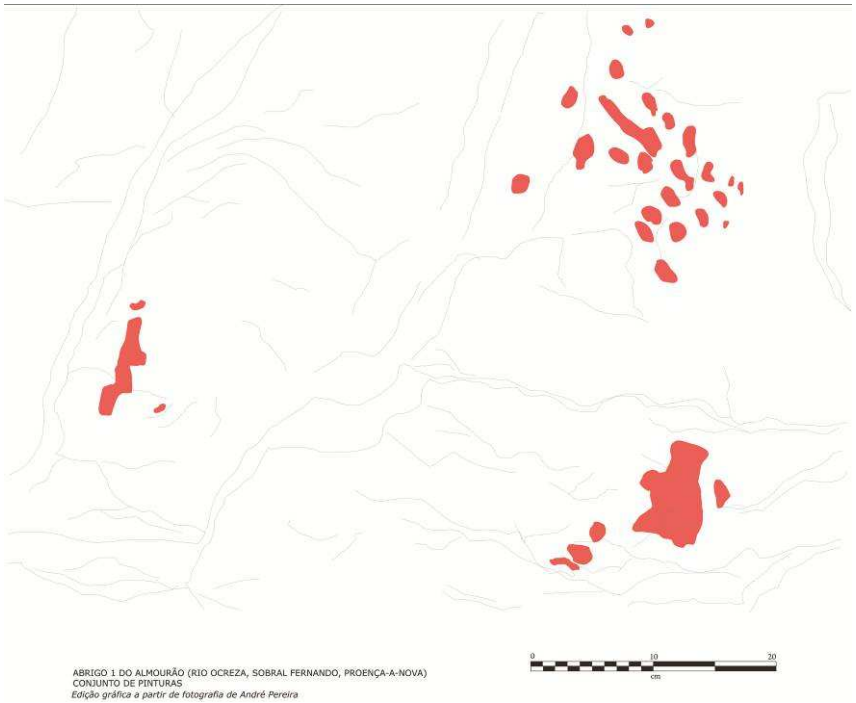

Figura 11. Restituição a partir de fotografia das pinturas identificadas no painel 1 de Almourão.

Figura 12. Restituição a partir de fotografia da figura identificada no painel 2 de Almourão.

Figura 13. Conjunto 1 do painel 1 do abrigo do Almourão.

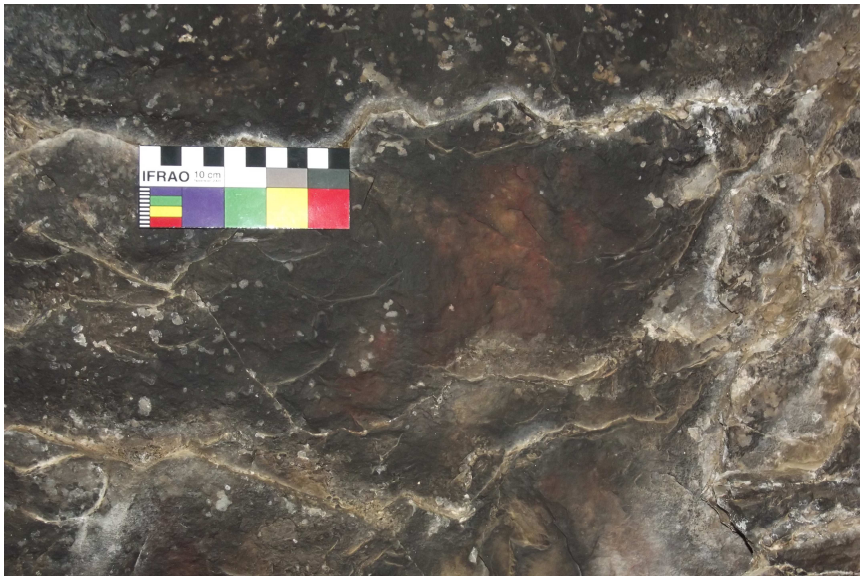

Figura 14. Conjunto 2 do painel 1 do abrigo do Almourão com a representação de hipotético ursídeo.

Um segundo conjunto (do lado esquerdo da **Figura 11**), pintado de igual modo no tecto do abrigo a cerca de 40cm do primeiro, é constituído por um pequeno ondulado e dois pequenos pontos; um dos pontos posiciona-se no seguimento do ondulado e o outro colocado lateralmente.

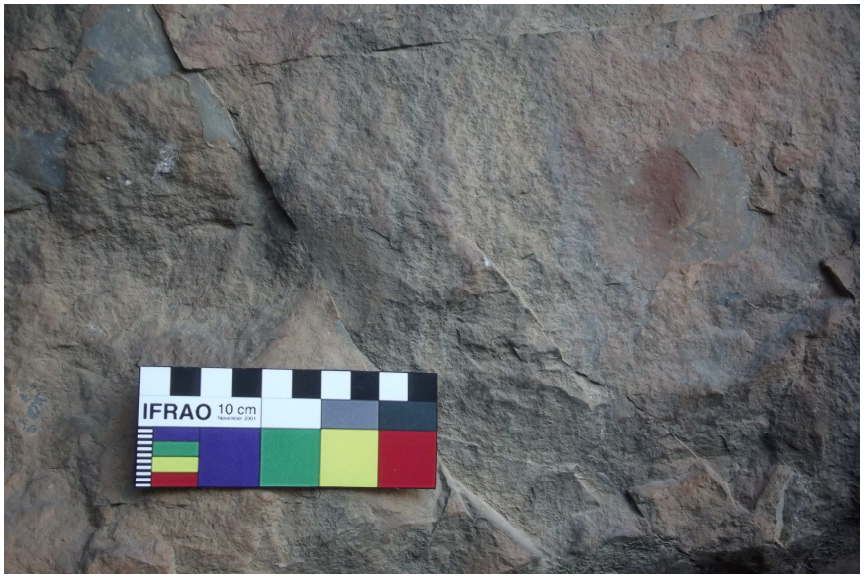

Figura 15. Figura isolada no painel 2 do abrigo do Almourão.

O terceiro conjunto (na parte inferior da **Figura 11** e **Figura 14**) é constituído por uma mancha vermelha, rodeada por quatro pontos, um à direita e três à esquerda. A forma da mancha central assemelha-se a um ursídeo.

Finalmente, o segundo painel (**Figuras 12 e 15**) está localizado no extremo norte do abrigo, em superfície vertical, visível do exterior. Este painel tem configuração arredondada e ocupa um dos melhores trechos deste abrigo para receber pinturas. Está a cerca de 1m de distância do primeiro painel. Tem um único motivo na área central, uma mancha vermelha alongada na vertical com estreitamento na parte inferior. O suporte está limpo de elementos que possam impedir uma leitura correcta.

4. Discussão e considerações finais

Os dois abrigos com pintura esquemática, atrás descritos, foram os primeiros a serem identificados na Serra das Talhadas. Acreditamos na possibilidade de se identificarem novos conjuntos nesta serra.

A restituição das figuras pintadas nos dois abrigos da Serra das Talhadas enferma de limitações inerentes à sua execução a partir de fotografia diurna. Pretendemos complementar esta leitura com base em fotografia multi-espectral[6].

Os motivos presentes nestes abrigos (ideomorfos) são comuns aos que se encontram representados na região envolvente em espaços com idêntica morfologia e suporte geológico. A única excepção poderá ser o hipotético ursídeo do Almourão que, contudo, consideramos ser semelhante aos dois motivos congéneres reconhecidos no Vale do Tejo (Gomes, 2010), no painel 10 de Chão da Velha jusante.

Na Serra das Talhadas o número de figuras é reduzido e a temática pobre. Constatámos a ausência de antropomorfos, forma que assume grande protagonismo nos abrigos situados a sul do rio Tejo.

Verificamos, também, que os abrigos situados nas cristas quartzíticas mais próximas do complexo de arte rupestre do Tejo, casos da Serra dos Envendos e da Serra das Talhadas, contém escassa quantidade e reduzida variedade de motivos. São inversos aqueles parâmetros em relevos mais afastados da área de maior concentração da arte gravada do Tejo, como são os casos da Sierra de San Pedro e, principalmente, da Serra de São Mamede.

Para explicar esta proporcionalidade inversa entre a densidade de grafismos pintados e a distância à arte do Tejo, avançamos a hipótese de a tradição de gravar nas margens do rio Tejo, e afluentes, ter anulado, ou reduzido a uma expressão mínima, a "necessidade" de pintar idênticos motivos, nas paredes rochosas das serras envolventes do complexo tagano, num mesmo tempo histórico, entre o Neolítico e a Idade do Bronze.

Agradecimentos

Os nossos agradecimentos ao Professor Mário Varela Gomes, da Universidade Nova de Lisboa, pela indicação dos dois ursídeos do núcleo de arte rupestre de Chão da Velha (Nisa), no rio Tejo, ao Professor Jorge de Oliveira, da Universidade de Évora, pelas indicações relativas aos novos achados efectuados na serra de São Mamede,

[6] Veja-se por exemplo Montero Ruiz *et al.* (1998) e Pires, Lima & Pereira (2011).

recentemente apresentados em congresso científico, e a Catarina Mesquita pela revisão do *abstract.*

Bibliografia

ALMEIDA, D. F. de & FERREIRA, O. da V.a (1966) **Descoberta das primeiras insculturas com figuração humana estilizada nos arredores de Idanha-a-Velha.** Lucerna, 5. Porto: 425-433.

ANTUNES, L. F. A. R. (2008) **Francisco Tavares de Proença Júnior: um Arqueólogo «Moderno» Na Pré-História Portuguesa".** Arkeos – Perspectivas em Diálogo, 22. Centro Europeu de Investigação da Pré-História do Alto Ribatejo. Tomar: 153p.

BUENO, P., BARROSO, R., DE BALBÍN, R. e CARRERA, F. (2006) **Megalitos e Marcadores Gráficos en el Tajo Internacional: Santiago de Alcântara (Cáceres).** Ayuntamiento Santiago de Alcântara. Salamanca: 100p.

BUENO RAMÍREZ, P., BALBÍN BEHRMANN, R. de, BARROSO BERMEJO, R., CARRERA RAMÍREZ, F., CARBALLO, J. A., VASCO, J. A., BARBADO CARRERAS, J. J., BERZAS BRAVO, G., MARTÍN EXPÓSITO, M. Á., SALGADO CILLEROS, P. (2010) **Secuencias Gráficas Paleolítico-Postpaleolítico en la Sierra de San Pedro. Tajo Internacional. Cáceres**. Trabajos de Prehistoria, 67 (1). Madrid: 197-209.

CARDOSO, D. (2003) **Pego da Rainha – Mação.** Arkeos – Perspectivas em Diálogo, 14. Centro Europeu de Investigação da Pré-História do Alto Ribatejo. Tomar: 59-92.

CARRERA, F., BUENO, P., BARROSO, R. e DE BALBÍN, R. (2007) **Recuperación Patrimonial de Arte Prehistórica: Los Abrigos de El Buraco Y La Grajera**, **Santiago de Alcântara (Cáceres).** Ayuntamiento Santiago de Alcântara. Salamanca: 105p.

CARVALHO, N., CUNHA, P. P., MARTINS, A. A. & TAVARES, A. (2006) **Caracterização geológica e geomorfológica de Vila Velha de Ródão. Contribuição para o ordenamento e sustentabilidade municipal**. Açafa, 7. Associação de Estudos do Alto Tejo. Vila Velha de Ródão: 73p.

FERREIRA, O. da V. (1966) **Descoberta das Primeiras Insculturas com Configuração Humana Estilizada nos Arredores de Idanha-a-Velha**. Actas do IV Colóquio Portuense de Arqueologia. Porto: 425-433.

GOMES, M. V. (1985) **Abrigo Pinho Monteiro (Arronches).** Informação Arqueológica, 5. Instituto Português do Património Cultural. Lisboa: 90-91.

GOMES, M. V. (2010) **Arte Rupestre do Vale do Tejo. Um Ciclo Artístico-Cultural Pré e Proto-Histórico"**. Inédito.

HENRIQUES, F., CANINAS, J. & CARDOSO, J. (1999) **Relatório dos Trabalhos de Cartografia Arqueológica nos Concelhos de Proença-a-Nova, Castelo Branco e Idanha-a-Nova - Projecto ALTEJO.** Associação de Estudos do Alto Tejo.

HENRIQUES, F. (2011) **O Prazer de Descobrir.** AÇAFA on-line, 4. Associação de Estudos do Alto Tejo. http://www.altotejo.org/acafa/docsn4/o_prazer_de_descobrir_f_henriques.pdf

MONTERO RUIZ, I., RODRÍGUEZ ALCALDE, A. L., VICENT GARCÍA, J. M. & CRUZ BERROCAL, M. (1998) **Técnicas digitales para la elaboración de calcos de arte rupestre.** Trabajos de Prehistoria, 55(1). Madrid: 155-169.

OLIVEIRA, J. & BORGES, S. (1998) **Arte Rupestre no Parque Natural da Serra de S. Mamede**. Ibn Maruan, 8. Câmara Municipal de Marvão. Marvão: 193-202.

OLIVEIRA, J. de & OLIVEIRA, C. (no prelo) **A Arte Rupestre da Serra de São Mamede**. Comunicação apresentada no Congresso do Neolítico Peninsular (Lisboa, 2011).

OOSTERBEEK, L. (Coordenação) (2003) **Vale do Ocreza – Campanha de 2001**. Techne, 8. Associação Juvenil para a Preservação do Património Cultural e Natural. Tomar: 41-67.

PIRES, H.; LIMA, P. & PEREIRA, L. B. (2011) **Novos métodos de registo digital de arte rupestre: digitalização tridimensional e fotografia multiespectral**. In R. Vilaça (coord.), Estelas e estátuas-menires: da Pré à Proto-história. Sabugal: 175-186.

RIBEIRO, M. (2011) **Pinturas Rupestres do Ninho do Bufo na Penha da Esparoeira – Marvão – Notícia da sua descoberta**. Poster apresentado nas 3ª Jornadas de Arqueologia do Norte Alentejano em 2005. Edição Colibri e Câmara Municipal de Fronteira: 405-409.

RIBEIRO, N., JOAQUINITO, A. & PEREIRA, S. (2010) **La symbolique de l'art rupestre à l'air libre à la fin du Paléolithique supérieur, dans le centre intérieur du Portugal et sa possible relation avec les routes naturelles**. Congrès de l'IFRAO, Septembre 2010 – Symposium: Signes, symboles, mythes et idéologie… (Pré-Actes). Ariège-Pyrénées, France.

http://www.youtube.com/watch?v=X6Sssa82vuI&feature=related (pequeno filme que apresenta imagens do vale do Rio Ocreza nas Portas do Almourão).

http://www.youtube.com/watch?v=a40miNAdt9w (pequeno filme que apresenta imagens explicativas da pintura da mão do Pego da Rainha).

http://kampusdeideas.blogspot.com/2009/05/arte-rupestre-em-vale-de-gaivoes.html (Blog com imagens do abrigo e pinturas da Lapa dos Gaivões).